



Recebe-se artigos e desenhos em carta dirigida á Redacção do CABRIÃO—na livraria do Sr. Garraux, pateo da Sé n.º 1, onde assigna-se este jornal.

N.º 3

**Publica-se
aos Domingos**

PARA A CAPITAL	
Trimestre . .	5\$000
Semestre . . .	8\$000
Anno	13\$000

PARA A PROVINCIA	
Trimestre . .	6\$000
Semestre . . .	9\$000
Anno	14\$000

Avulso 500 rs.



Pipelet cathequisado pelas novas doutrinas do Arcesiláo, resolveu-se á tomar os hábitos da sociedade primitiva.

CABRIÃO

Penultimo Cavaco

Fez-se a luz.

O publico sensato e illustrado da Capital recebeu o *Cabrião* com toda benevolencia.

Deu uma boa idéa de si.

Conhecendo que o *Cabrião* em fundo só quer divertir-se com as fraquezas do proximo, respeitando os mysterios do lar e certas conveniencias — fez-lhe justiça.

O *Cabrião* beija-lhe as mãos.

Tal procedimento dá idéa de que a civilização váe crêando raiz neste solo, e o espirito já póde desprender as azas e soltar o vôo.

Póde pois o lapis desenhar o que a penna descreve, e o *Cabrião* fazer suas carêtas, sem que por isso as lagrimas afoguem os rizos.

Estamos em maré de desanimo; é mister não tomar o negocio muito ao sério.

Riamo-nos; o rizo é como o sol, expelle a tristeza da fronte humana. Diante de uma parvoice, em frente de um disparate, a gargalhada tem sua graça.

Seriedade hoje, seriedade amanhã, seriedade sempre — aborrece. A monotonia mata. Cerveja que goteja não ajunta espuma.

Não se assustem os *farrapos*, nem tremam os *casquados*; não se vae enforcando gente, por dá cá aquella palha.

A cousa é outra.

O *Cabrião* assentou de *cabrionar* os politicos e deu-lhes um piparote; creiam que foi mera brincadeira. Não haja revolução por isso, por que é perder tempo.

Ha pilherias á que se não resiste. Ha carinhãs que estão mesmo desafiando o lapis do desenhista e a penna do escriptor.

O remedio para tudo isto é — *resignação*. Encavacar é prestar-se. Franzir o sobr'olho é provocar o rizo.

Creio que me entenderam.

Gazetilha

PATRULHAS.—Em nome do bem publico pede-se, á quem competir, a diminuição do numero das patrulhas nocturnas.

Nossos assignantes já nem pódem andar commodamente á noute, em razão da enfiada de soldados que patrulham as ruas da cidade,

obstruindo a passagem das calçadas aos paizanos, e acotovelando-os á cada passo.

Neste andar, em pouco tempo o numero das patrulhas será superior ao numero dos malfeitores, e bem se vê que isto é máo em todos os sentidos.

A segurança em demazia encommoda.

* *

FIM DO MUNDO.—Ha um mez mais ou menos, os jesuitas annunciaram aos seus crentes e adeptos que em meados do corrente mez, isto é, que de hoje para amanhã, dava-se o fim do mundo por meio de um terremoto sem exemplo, e de uma chuva diluviana igual á do tempo de Noé.

Sabem todos os nossos leitores que esta veridica prophesia espalhou-se, como era de esperar, por toda a população, e que um grande numero de beatas preparou-se para a terrivel *contradansa*, fazendo doações e legados pios em favor dos *Collegios Polacos* e outras sacras instituições de Roma.

Pois bem: soccegue a população.

O *Cabrião* está autorisado á declarar que o espectáculo annunciado pelos santos jesuitas, fica adiado para daqui ha tres dias, ás tres horas da tarde em ponto, em consequencia do desarranjo de uma das machinas necessarias á cousa.

O *Cabrião* aproveita a oportunidade para despedir-se de seus assignantes; e como já tem numerosas assignaturas e não quer aproveitar a circumstancia da *força maior* para justificar a interrupção de seu jornal, promete continuar a publicação d'elle, na vida de *alemtumulo*, se não ficar separado dos ditos seus assignantes pelo espaço insondavel que váe do inferno aos céos.

Entende-se: esta despedida ficará sendo como nem uma, se a prophesia annunciada não effectuar-se.

* *

A BURRA DE BALAAO.—Consta que este prophetico animal vaticinou, ha dias, que o **MAGNIFICO** theatro de S. José váe ao chão, mais hora, menos hora, em razão de ser aquelle edificio um fóco horroroso de profanações mundanas; e, que, em consequencia da catastrophe, tem de morrer todos os seus frequentadores presentes, com excepção daquelles que tiverem feito pingues esmolos aos *Collegios Polacos*, ou á *causa da terra santa* que está sendo edificada na

cidade de Itú para moradia dos jesuitas ali estabelecidos.

^{***}
HAJA FOLIA.—Ultimamente temos tido benefícios de actores e concertos de violinistas e harpistas. Para variar, temos pela prôa concertos de piano e companhia equestre. Não tarda por ahí o Adams com a *bicharada*, para dar cabo de quanto caxorro existe na cidade. E dizem que não temos distracção! O publico, apesar do *desconcerto* das algibeiras, deve estar muito satisfeito; tem-se divertido á grande.

^{**}
AGRADECIMENTO.—O ^{***}*Cabrião* agradece á redacção do *Diario* as explicações e commentarios com que, no seu jornal de tres do corrente, dignou-se *elucidar* as obscuridades de algumas estampas insertas no primeiro numero desta folha.

O *Cabrião* deseja que aquella redacção continue tão obsequioso e interessante serviço.

^{**}
DOIDINHA.—Consta que os jesuitas vão reimprimir em fórma de livro o *cabelludo* romance que, sob tal titulo, está sendo publicado pelo *Diario de S. Paulo*.

O livro tem de ser nitidamente impresso, e deve conter finissimas estampas, analogas aos trechos mais picantes do assumpto.

E' destinado á ser distribuido, gratis, por todos os homens serios e santas mulheres que protegem a causa do jesuitismo, dos *Collegios Polacos*, da intolerancia religiosa, e regeneração moral da sociedade.

Applaudimos de coração a piedosa lembrança.

^{**}
CAMOÉCAS.—Consta que, ao presente, as camoécas são mais deliciosas; attenta a pureza do *Abafadinho*.

Este notavel filho da *Parra* está colhendo grandes creditos no paladar dos borrachos, e diz se até que certos fradecos encommendaram alguns barrilotes para o uzo das missas.

O *Cabrião* que, não é extranho aos liquidos coloridos e corroborantes, estende a mão aos propagandistas de *taes luzes*, e faz votos para que tão illustre hospede fixe aqui a sua residencia para consolo da humanidade beberona.

^{**}
MELHORAMENTO.—Consta que a Illustrissima em consideração ás fimbrias dos vestidos do

bello sexo, e com o fito de acabar com os *olhos d'agua* das esquinas e travessas da cidade, mandára construir umas guaritas apropriadas, com encanamento, que partindo daquellas, levem as *aguas* ao rio Tieté.

^{**}
RECREIOS.—O tamborim ^{***}das folias do *Espirito Santo*, os realejos, e os harmoniosos carros de *eixo movel* continuaram, na semana finda, á fazer as delicias das ruas da capital, graças aos esforços do *poder municipal*, que attenta com todas as véras nos meios mais apropriados para que a população paulistana goze sempre de tão agradaveis passatempos.

A moda

A moda! Eis aqui uma palavra magica, deslumbrante, fascinadora, capaz de encher a boca do mundo, que é a maior boca que se póde imaginar.

A moda é o enlevo das moças e o desespero dos moços. Não se inventou, nem se inventará meio mais prompto de fazer esvaziar as algibeiras, do que o artigo moda.

A moda é acariciada pelas modistas, applaudida pelos cabelleireiros, festejada pelos logistas, e abraçada por todas as borboletas e mariposas, de que se compõe o sexo amavel.

Vestir á moda! Haverá sonho mais delicioso, flôr mais perfumada, prazer mais completo?

A moda tem para as moças os encantos do Eden, em quanto que os papais e os maridos só nellas veem os tormentos do Averno.

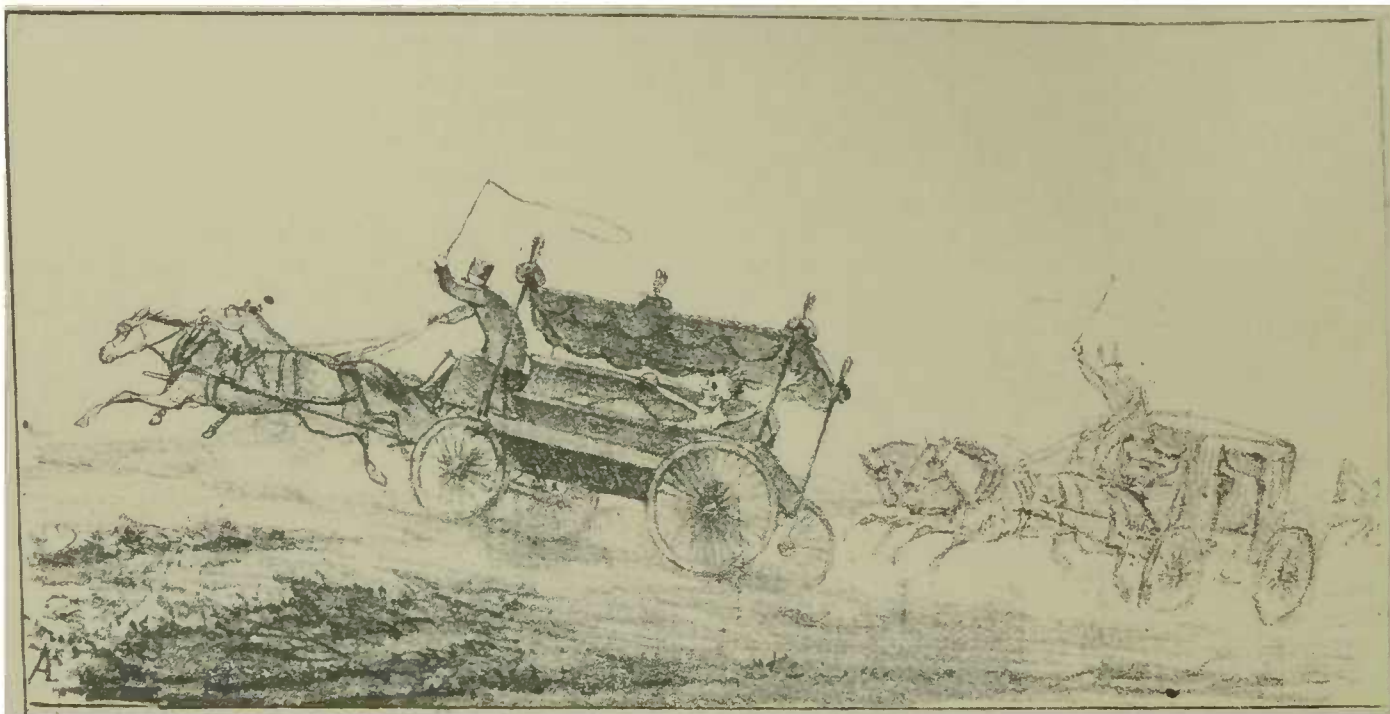
A moda é para o bello sexo o que o perfume é para a flôr, o que as estrellas são para o céo, o que a luz é para os olhos.

Um chapellino de palha da Italia, com laços de fitas, véo de escomilha, cercado de flôres, como os que ha na loja do Custodio, que graça, que mimo, que fascinação!

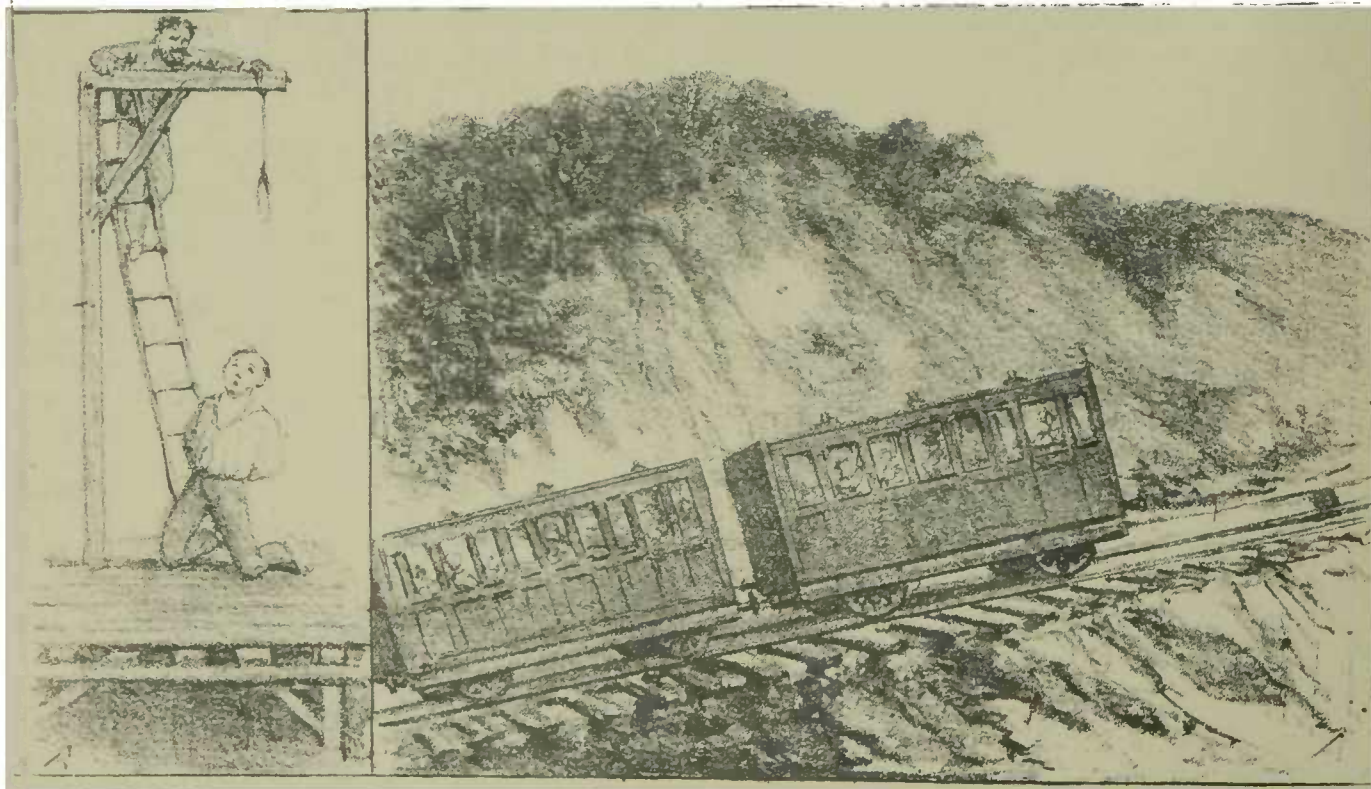
Como asesnta n'uma cabecinha corôada de cabellos pretos ou castanhos!

Um vestido de *moire-antique*, côr de havana, enfeitado com fitas, com rendas, com vidrilhos e com todas essas *cousas nenhuma*, que são tão bonitas e custam tão bom dinheiro—feito por mademoiselle Josefine, quem deixará de pousar nelle a vista por alguns minutos?

Não falleemos nas botinas de setim, mais alvas que a penna de uma garça, no lencinho bordado trescalando exquisitos perfumes, no leque de madreperola, nas luvas de Jouvin e mil

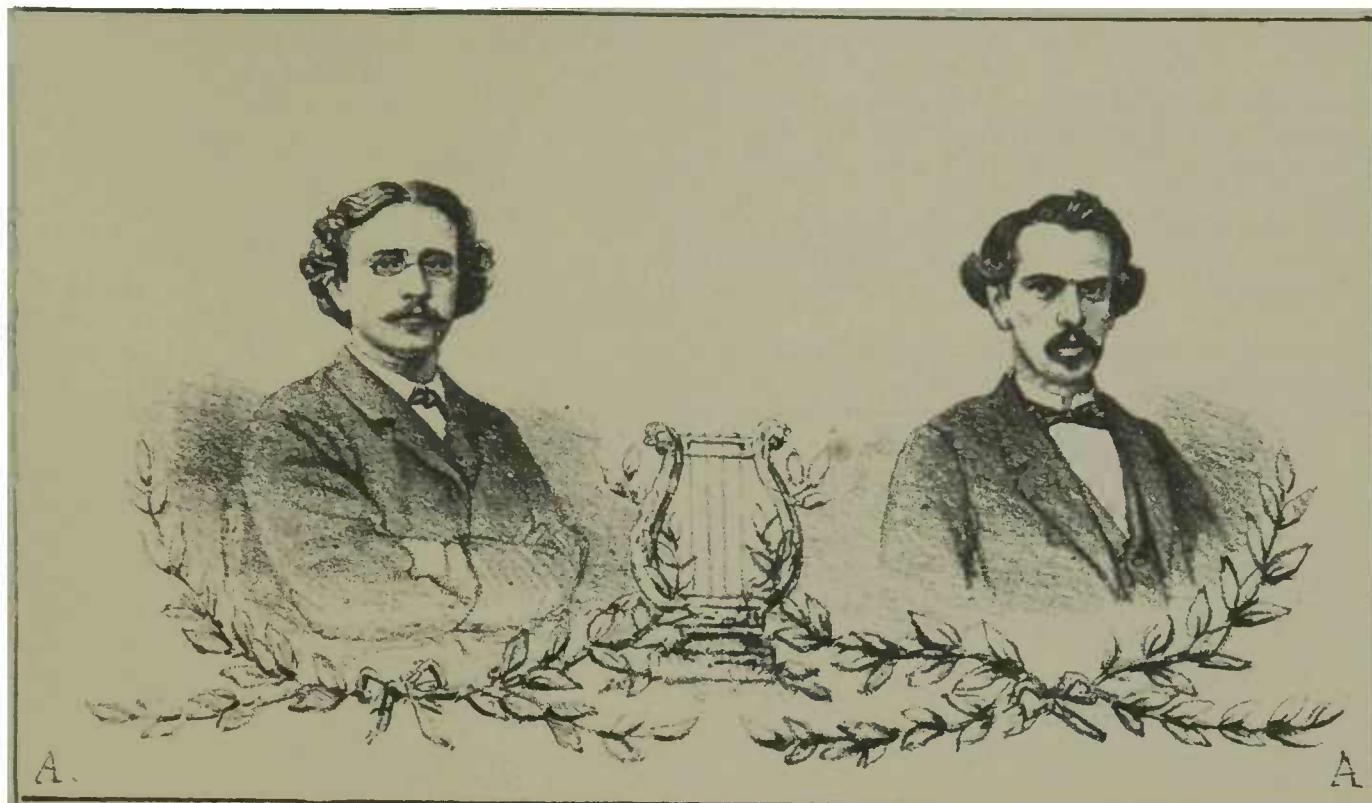


Defuncto:—Páre, senhor; páre Sr. Cocheiro, que já me sinto desconjuntado.
Cocheiro:—Aguente-se meu amigo, preciso voltar logo, para tomar outro freguez.



Qual a diferença que ha entre o condemnado que váe subindo ao patibulo, e o viajante que váe subindo os planos inclinados da estrada de ferro?

E' que o condemnado váe rezando para que a corda rebente, e o viajante reza para que a corda não rebente.



Arthur Napoleão.

Moniz Barreto.



Redacção da *Esperança*—jornal de Itú.

P.....:—Sim, Sr. Cabrião, a minha pandega consiste em comer bem, beber melhor,....

Cabrião:—E fallar na vida alheia.

outras cousinhas, bonitas, encantadoras, fascinantes!

A moda! Por ella morrem as moças, e por ella suspiram as velhas; as dignas representantes do passado, que teimam em *cabrionar* os Jaqueiros.

A moda caminha, e com ella caminha o progresso. O luxo gera o bom gosto, apura os trabalhos da arte e produz o amor ao bello.

Vistam á moda, amaveis leitoras, gastem os cobres do papai, limpem as prateleiras dos logistas, façam um diluvio de sedas, de correntes, de rendas, de fitas e de flôres, nisto não váe mal algum á sociedade.

Mas não exagerem, a exageração traz o ridiculo.

A belleza não precisa de ornatos. A simplicidade é um dos maiores encantos do *toilette*. A superabundancia mata o bom gosto, é o pleonasmismo da elegancia.

O anno tem muitos mezes, e os mezes muitos dias; variem a moda, mas não apresentem tudo de uma vez. De vagar se váe ao longe.

Uma moça convertida em mostrador é prozaico. A poesia de mantilha é horrivel. O bom gosto arrastando uma cauda de legua e meia, parece um cometa caminhando pelo passeio; e o vestido demasiadamente curto, se umas vezes até os desejos, outras vezes apaga as illuções.

O meio termo, amaveis leitoras, o meio termo.

Historia do Cabrião

CAPITULO II

Seria impossivel descrever os *vac-vens* de meus primeiros annos. Sem familia, sem crenças e sem aprendizagem nem escola de qual quer natureza, guiado unicamente pelos proprios instinctos, eu tinha, entretanto, aos 14 annos de idade, a mesma sciencia practica do viver, que tem um homem da sociedade, um *filho familia* aos 20 annos.

Conhecia Pariz, como um rato de navio conhece os escaninhos do escuro porão em que habita.

Sem saber lêr, nem escrever, simples frequentador das *prelecções* dadas todos os dias nas ruas e tabernas, eu tinha todos os vicios da grande cidade, e ao mesmo tempo todas as

virtudes innatas e instinctivas do povo. Bebia como um marinheiro, fumava como um turco. Tinha o scepticismo de Voltaire. Conhecia os dogmas da revolução como Mirabeau, ou Robespierre, ou Lamartine. Dava de beber ás costureiras. Era compadre de mais de duas duzias de caicheiros. E, o que é mais, tinha credito perante os porteiros de theatrinhos de *boulevard*. Era um garôto de truz, uma excepção á regra, um typo, uma creança respeitavel e respeitada, um garôto-rei, um igual de Luiz Philippe.

Dêsde aquella idade eu tinha os germes de algumas virtudes, que mais tarde transformaram-me de garôto em homem prestimoso: foi a grande sensibilidade desenvolvida em meu espirito pelo amor, pelo quasi fanatismo que inspirava-me a figura melancolica de minha mãe: o misterioso enlevo que arrastava-me para o bello e para todas as artes em todas as suas fórmãs: e finalmente o odio profundo que votava á hypocrisia, á superstição, á sãmarra, e ao venenoso jesuitismo, vendo a representação viva de tudo isto na figura sinistra e tenebrosa do corpulento e cachaçudo ente que me déra o ser por meio de um crime.

Figura sinistra era realmente a de meu pae! Quasi todos os dias, e muitas vezes á noute, quando entrava ou sahia do convento, depois de seus arduos e santos trabalhos do *confissionario*, elle passava por mim, carrancudo, impassivel e mudo, e sua simples presença deramava-me nas veias o subito e insuperavel terror que deve produzir a vista de uma serpente.

Pae e filho, conscios ambos das estreitas relações que nos ligavam, nunca trocavamos uma só palavra e nem se quer um só olhar: eramos como dous extranhos, e, em vez de amor e affeições, nutriamos um pelo outro — indifferença, desprezo, aborrecimento.

Já comprehendia, naquella idade, o que faz e o que póde fazer um jesuita á sombra do confissionario: conhecia a face tenebrosa das relações mantidas entre meu pae e as suas *penitentes* e *confessandas* do convento: isto bastava para justificar perante a minha consciencia, o odio profundo que votava á classe inteira dos jesuitas, e particularmente áquelle que eu estudára de mais perto, chegando ao ponto de apagar em meu espirito os sentimentos de filho, que em outras relações guardaria por elle.

Queridos leitores, entro em taes minucias

para que saibam todos — que eu mesmo fiz-me um homem e um artista, um grande artista, sem necessitar do auxilio de quem quer que fosse.

E sou, realmente, um grande artista, meus estimaveis leitores. Nasci pintor como Byron nasceu poeta, como Napoleão ou o Marquez de Caxias nasceram generaes.

Assim como o ultimo é a *primeira espada* da America do Sul, eu sou o *primeiro crayon* da provincia de São Paulo.

Podemos ambos dizer á boca cheia: não temos iguaes e nem rivaes.

E' curioso o modo porque fiz-me um homem aproveitavel, empregando-me em uma officina de pintura, em Pariz. Eis como foi:

Havia nas proximidades do convento de minha mãe uma officina de desenho. O mestre era uma figura grotesca, digna do *crayon* de Hoffmann, caricatura viva, ser phantastico, typo soberbo, que foi visto por mim, e immediatamente fez brotar o genio humoristico, e o engenho de *caricaturista*, que dormia em minha alma, e com que o bom Deos me havia dotado, porque o bom Deos dá á todas as creaturas um *ganha-pão* determinado.

No primeiro dia em que descubri aquelle *achado* procurei um pedaço de carvão, estudei todos os contornos angulosos do bom velho, o *estyllo* de sua gesticulação e de seu andar, e no dia seguinte, ao amanhacer, *illustrei* as paredes externas de sua casa com uma boa meia duzia de caricaturas, em que era elle representado ao vivo e em todas as posições.

Não parei nesse primeiro ensaio; alguns dias depois *illustrava* todas as esquinas da vizinhança, e ao passo que punha em apuros as minhas victimas, mais e mais sobresahia o meu talento, ao mesmo passo que tambem crescia a minha reputação e amontoavam-se os elementos da minha immortalidade.

Em pouco tempo soube-se quem era o caricaturista do quarteirão, e ao passo que era amaldiçoado por muitos, era festejado por outros. O velho pintor, minha primeira victima, foi do numero destes ultimos: em vez de zangar-se com as minhas travessuras, procurou conhecer-me, e declarou-me, que estava prompto á receber-me em sua loja, e ensinar-me o desenho, porque via em mim uma vocação aproveitavel, etc., etc.

Acceitei o offerecimento, trabalhei, e em curto prazo era o discipulo de confiança do

bom velho que me abriera os braços. Aos 20 annos já era um artista, tinha um officio, e a vida independente de todos os que trabalham.

Por este modo, meus leitores, o garôto do adro do convento de, o filho do jesuita *Frei Fulano do Amor de Deos*, transformou-se — em um instrumento util — tomando o officio de cabrionador da humanidade.

Até o outro numero, estimaveis leitores.

A minha historia

Nasci no Minho. De lá vim, hei andado por aqui e por alli e agora resido em terras do *Cabrião*.

Tenho-me occupado em diferentes cousas. O meu sordido *vinagrismo* collocou-me no bolso algumas patacas. Vivo de premio e occupo-me á pôr a boca no mundo e nas *garrafas* que esvasio em *magna quantitate*.

Para mim são todos tratantes, ladrões, patifes, vinagres.

Desde os autores dos meus dias, até o ultimo caxorro pelado, nada me merece confiança. Neste mundo a unica coisa boa, sou eu; e mesmo assim tenho duvidas á respeito.

Sou verdadeiro filaute de vinho bom e jan-tares, e onde ha qualquer destas cousas não falho, até que me ponham fóra.

Tenho-me querido casar. Afiânço que pos-suo noventa contos, mas as mulheres me de-testam e levo sempre de taboa.

Sou um tanto porcalhão, e por esse motivo já fui despedido de uma hospedaria. Os hospedes diziam que eu lhes causava nojo.

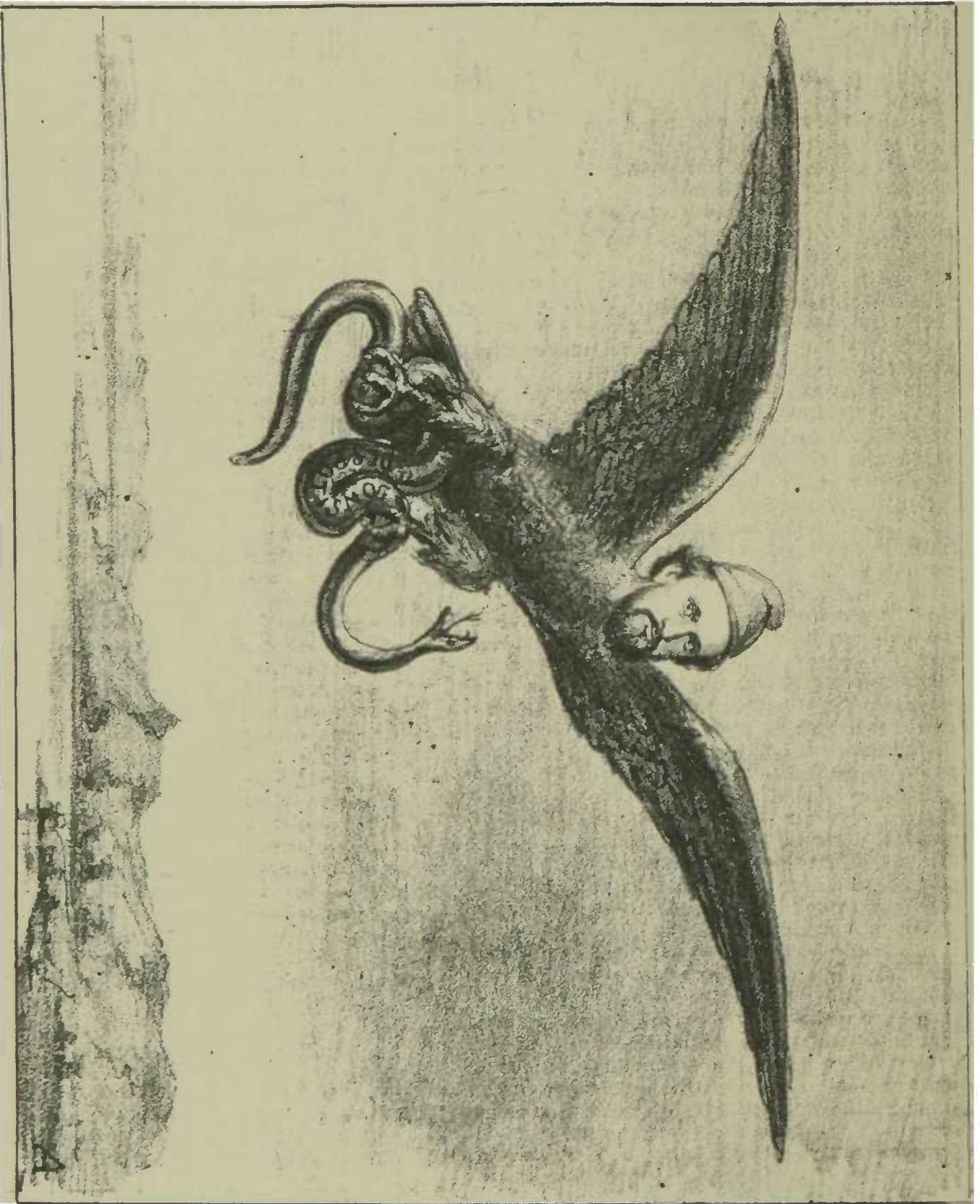
Quem me quizer conhecer, procure um individuo meio abarrilado, sempre maldizendo por todos os cantos, achando ruins os máus, perversos os bons, reputando todos *vinagres* e de todos desconfiando.

Eis pois o retrato fiel da minha humilde pessoa.

Agora, leitores, digam-me, não sou um verdadeiro pandega?

Arthur Napoleão

O *Cabrião* ama os grandes artistas, porque é tambem artista, e sacerdote do bello. Elle beija as mãos ao inspirado moço portuense, que tanto merece pelo seu brilhante talento.



Emblema do partido liberal.